

O Novembro dos professores

Daniel Sampaio

N

ovembro vai ser decisivo na questão dos professores. No momento em que escrevo estão convocadas duas manifestações com o intervalo de uma semana e é visível o clima de mal-estar que se vive em muitas escolas. Como se chegou até aqui?

As várias acções de formação que tenho coordenado e o diálogo que mantenho com muitos professores permitem-me chegar à conclusão de que a situação é grave, com reflexo sobretudo nas aulas e na aprendizagem dos alunos, afinal a razão de ser dos docentes e do Ministério da Educação (ME).

Sempre me tenho recusado a uma análise emocional do trabalho da actual equipa do ME. Para mim não faz sentido o “ódio” à ministra, expresso por dezenas de caricaturas e epítetos grosseiros que proliferam na Net ou que surgiram nas manifestações: “gostar” ou “não gostar” de um governante é despropositado, porque o essencial é tomar uma posição reflectida sobre as políticas anunciadas e realizadas. Acresce que o respeito e a discussão democrática são valores de inquestionável importância para serem passados aos mais novos. Feito o meu balanço, é inegável que a ministra não se limitou a “gerir a crise”, como fizeram muitos dos seus antecessores. Ousou lutar, tenho dúvidas se conseguiu vencer. A um ano de eleições, destaco como aspectos positivos do seu mandato, entre outros: a preocupação com os resultados académicos, as aulas de substituição, o aumento dos cursos profissionais, a clara diminuição das faltas dos professores, o Plano Nacional de Leitura, a tentativa (meio gorada) de aumento das responsabilidades das autarquias, a melhoria das instalações em muitas escolas. Como aspectos negativos, saliento os mais importantes: a persistência na ideia de que os resultados melhoraram, quando faltam avaliações fiáveis e sustentadas, sobretudo internacionais; o excesso mantido de um número impressionante de disciplinas no 3º ciclo, fonte de dispersão e de desinteresse; a ausência de medidas eficazes de apoio aos professores para combate à indisciplina, erradamente considerada “distinta” da violência; o não cumprimento das promessas no campo da Educação Sexual e da Educação para a Saúde. Acima de tudo, o maior erro: a hostilidade mais ou menos declarada face aos professores, o que se traduz por uma conflitualidade que teve o seu máximo no final do ano lectivo passado e que renascerá neste Novembro. Como compreender este erro estratégico? A verdade é que o actual ME ainda não se colocou no lugar dos

Quem avalia quem é que está errado: sobre esse erro o Ministério da Educação não tem desculpa

docentes, o que seria decisivo para perceber como mudar. Uma professora confidenciava-me há dias: “Imagine que era professor, profissionalizado (estágio profissional de dois anos, supervisionado por alguém creditado). Imagine que tinha escolhido esta profissão porque gostava de ensinar. Imagine que a escola onde trabalhava era democrática, onde todos os professores tinham a mesma formação e o que os distinguiu era o tempo de serviço. Os cargos eram desempenhados por professores efectivos e eram rotativos, com todos a terem de aceitar ser em um dia coordenadores de disciplina ou membros do Conselho Pedagógico. Observe o que aconteceu com este ME: criou-se uma divisão entre titulares e não-titulares, baseada em cargos desempenhados APENAS nos últimos sete anos, sem uma análise efectiva da prática lectiva. Os titulares passaram a avaliadores dos colegas ao lado, sem qualquer formação ou mérito específico para o efeito, sabendo que da nota atribuída dependerá o futuro dos avaliados. Veja, por último, como os professores estão submersos por grelhas e portfólios, sem tempo para reflectirem sobre os problemas dos alunos... o ambiente está terrível!”

Eu acrescento: o que está em causa em Novembro é a persistência do ME em considerar “que as escolas estão a trabalhar”, quando proliferam opiniões como esta. O equívoco do ME é o de pensar que os alunos irão aprender mais, quando os seus professores desanimam a cada dia. O que importa compreender é o verdadeiro papel dos sindicatos de professores e até que ponto são capazes de enquadrar os seus associados ou, pelo contrário, os acorrentam em posições limitadoras da sua capacidade de autonomia. E, em derradeira análise, é crucial perceber o que está errado: embora as famosas “grelhas” sejam por certo dispensáveis, quem avalia quem é que está errado: sobre esse erro o ME não tem desculpa. ●

